

FÉ E DEVOÇÃO À VIRGEM SANTA MARIA: UM ESTUDO SOBRE A ORIGEM DAS COMUNIDADES NOSSA SENHORA DE GUADALUPE EM PORTO VELHO/RO

Danilo Moraes da Silva

Universidade Federal de Rondônia – Rondônia

1 INTRODUÇÃO

Martin-Barbero e Rey (2001) ao realizarem estudos sobre “Os exercícios do ver”, realizam uma série de questionamentos (p. 49-50) sobre a Guerra das imagens de Serge Gruzinski (1990) e cita uma batalha cultural no cenário latino-americano que “corresponde à guerra de codificações e ressignificações de que está feita à significação religiosa e profana da Virgem de Guadalupe”. Venerada? Adorada? O que se sabe é que é um ícone religioso mexicano que muitas vezes é confundido com uma “solução de problemas de forma milagrosa” como o próprio autor diz que “continua se reproduzindo hoje nas hibridações iconográficas de um mito que reabsorve a linguagem das historietas impressas e televisivas”.

Aprofundando os estudos de Gruzinski (1990) é possível depreender em sua obra “La guerre des images: de Christophe Colomb à ‘Blade Runner’ (1492-2019)” que quando o México foi colonizado pela Espanha em 1519, os missionários religiosos identificaram que o povo nativo (indígenas) tinham uma devoção à imagens feitas de barro e que essas imagens tinham um significado espiritual, pois eram feitos rituais e outros eventos de idolatria a essas imagens. Porém, depois de catequizados e devidamente instruídos no catolicismo, eis que surge uma nova devoção, em 1531 a Virgem de Tepeyac que apareceu ao indígena Juan Diego e realizou milagres sendo estampada em uma tilma (Benítez, 1982).

De repente este fato se espalhou por toda a região e a Virgem começou a ser a mais nova imagem de veneração entre os indígenas e demais cristãos espanhóis que habitavam pelo México. Mesmo depois de muitos anos esta devoção e veneração dos católicos, que é muito criticada pelos religiosos de outras denominações, insiste em permanecer e ser reproduzida por telenovelas mexicanas como as Marias da atriz e cantora Thalia em suas interpretações onde reza em nome da Santa.

Também no Brasil tem-se o relato da telenovela “Salve-se quem puder” onde a personagem Helena (interpretada pela atriz Flávia Alessandra) possui uma devoção especial pela santa. Sem contar nos inúmeros templos religiosos que são dedicados à virgem como aqui em Porto Velho as

Comunidades Nossa Senhora de Guadalupe nos bairros Aponiã (vinculada à Paróquia São Luiz Gonzaga), Liberdade (Vinculada à Paróquia São João Bosco), e Três Marias (Vinculada à Paróquia Nossa Senhora do Amparo).

Padroeira da América Latina, comemorada liturgicamente pela Igreja Católica Apostólica Romana no dia 12 de dezembro, a Santa arrasta multidões e sempre vem se ressignificando, inclusive em Porto Velho/RO. Sendo assim é possível questionar: Como se deu o processo de surgimento das Comunidades dedicadas à Nossa Senhora de Guadalupe na sociedade porto velhense? O que a Fé nesta devoção influencia e impacta na sociedade local?

2 OBJETIVO

Descrever a origem das Comunidades dedicadas à Nossa Senhora de Guadalupe em Porto Velho/RO resgatando a história da santa e fazendo um percurso sobre a devoção latino-americana à Virgem de Guadalupe, bem como os reflexos dessa devoção no Brasil. Sendo assim, o trabalho tem a missão de resgatar as memórias que envolvem as práticas devocionais Mariana que giram em torno destas Comunidades, descrevendo a origem de cada uma e como acontece a sua solenidade em 12 de dezembro, destacando sua importância para a prática da Fé do povo porto velhense, destacando-a como uma cultura híbrida que se mistura e agrupa raízes tradicionais da sociedade local.

3 METODOLOGIA

Este trabalho acadêmico é uma pesquisa de revisão e também estudo de campo pois realiza um levantamento junto às Paróquias de vínculo de cada Comunidade Guadalupana com o intuito de obter informações de como se deu o processo de adoção e escolha do nome da Santa para a formação das Comunidades, também das festividades de permeiam ao redor das práticas rituais, resgatando a memória presente na devoção entre outras informações que serão relatadas com mais detalhes.

Sendo assim, além do levantamento teórico-referencial deste, também contactou-se as secretarias das Paróquias de vínculo para obtenção de informações originárias e festivas tradicionais de cada Comunidade, onde foi repassado o contato da Coordenação de cada uma e junto aos coordenadores foram feitos os relatos presentes neste.

4 O RESGATE DA MEMÓRIA HISTÓRICA DA VIRGEM DE GUADALUPE

Ao resgatarmos uma memória religiosa estamos adentrando dentro do contexto de memória coletiva. Halbwachs (1968, p. 34) afirma que para reconstruir a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança “é necessário que esta reconstrução opere dados ou noções comuns que encontram no nosso espírito e no dos outros, porque transitam desses para aquele reciprocamente então podemos compreender que uma lembrança possa ser ao mesmo tempo

reconhecida e reconstruída”. A questão toda é saber se uma tal lembrança pode existir, se é concebível. Bastaria que tal lembrança fosse produzida uma única vez para demonstrar que nada se opõe a que intervenha em todos os casos.

Para Motta (2014, p. 182), “quando falamos de memória devemos levar em conta que ela constroi uma linha reta com o passado, alimentando-se de lembranças vagas, contraditórias, sem nenhuma crítica às fontes que – em tese – embasariam esta mesma memória”. Há uma distinção entre memória e história, mas ambas tratam do passado como algo remoto: memória numa visão mais positivista, enquanto a história busca uma visão mais crítica do passado. Assim, as memórias são fontes históricas, pois elas nos ajudam a saber o que tem sido lembrado, recordado por um ou vários grupos sociais, que expressam fenômenos históricos.

Todos os escritos que narram as aparições da Virgem de Guadalupe são inspirados no Nican Mopohua, escrito em Nahuatl, língua Asteca, pelo indígena erudito Antônio Valeriano em meados do século XVI, este é o principal referencial teórico para a maioria dos autores que escrevem sobre a Santa.

Benítez (1982) relata com detalhes a história de como Nossa Senhora surgiu em Tepeyac, uma região localizada no norte da Cidade do México, nada mais é do que uma colina parte da serra que forma a Serra de Guadalupe que delimita o norte para o vale do México. Ela apareceu, grávida (Ebersol e Bussolletti, 2019), em 1951 ao indígena Juan Diego (Oliveira, 2016), encantando por uma melodia suave que vinha do local e vislumbrado por uma luz que resplandecia no local, sendo em 4 aparições onde pedia que ele fosse ao palácio do arcebispo do México e rogasse que ali na superfície onde ela apareceu fosse construído um templo dedicado a ela.

O bispo, frei Juan de Zumárraga (de Lima, 2017), franciscano, negou por duas vezes o pedido do indígena e disse-lhe que necessitava de um sinal e, na terceira aparição a Virgem lhe prometeu que no dia seguinte iria dar o tal sinal, mas infelizmente Juan Diego não apareceu pois seu tio Juan Bernardino estava enfermo e em estado muito grave. Na terça-feira, de madrugada, Juan Diego foi a Tlatelolco (atualmente um bairro da Cidade do México), chamar um sacerdote para que viesse a abençoar seu tio que pensava já ser seu último dia de vida. Então ele desviou do caminho que sempre costumava ir por Tepeyac, dando a volta na montanha subindo por ela e passando pelo outro lado em direção ao oriente, mas a Virgem o encontrou no meio do caminho perguntando-lhe para onde ele iria? Juan Diego meio envergonhado contou toda a situação de saúde de seu tio à Virgem e ela o disse:

“Ouve e entenda, meu filho pequenino, que não é nada o que te assusta e aflige. Não perturbe teu coração. Não temas por essa enfermidade, nem alguma outra enfermidade e angústia. Não estou eu aqui? Não sou tua Mãe? Não estás sob minha sombra? Não sou eu a tua saúde? Não estás porventura em meu regaço, meu colo? O que mais é necessário? Não te apegues nem te inquietes por outra coisa. Não te aflijas pela enfermidade de seu tio que não morrerá agora por ela: estejas certo de que ele já se curou” (Benítez, 1982, p. 34).

Assim se realiza o primeiro milagre da Santa que posteriormente disse a Juan Diego que subisse ao cume da colina, onde houve as aparições, e ele acharia diferentes flores, então pediu que ele juntasse e descesse ao seu encontro. Pontualmente ele obedeceu e espantou-se que tivessem brotado tantas e várias rosas belíssimas de Castilla, antes do tempo que costumam dar, pois era inverno, além do mais o cume da colina não era lugar que costumasse dar flores porque haviam muitas fendas, fissuras, abrolhos, espinhos e cactos.

Respeitando ao pedido da Virgem recolheu as flores em sua tilma (manta), desceu a colina, mostrou as flores a ela, a virgem tomou as flores em suas mãos, colocou-as de volta no manto do indígena e lhe deu a ordem de que levasse ao arcebispo este sinal e somente desdobrasse a manta somente na presença dele, que relatasse tudo que tinha visto e reforçasse o pedido de construção do templo.

Figura 01. Quarta aparição da Virgem de Guadalupe a Juan Diego



Fonte: Site “O mundo é seu” (<https://www.omundoeseu.com.br/>)

Juan Diego assim o fez e, ao chegar no palácio do arcebispo e depois de um longo tempo esperando, ele o recebeu e em seguida o indígena se jogou aos pés do arcebispo humilhando-se e relatando tudo que acontecera com muita humildade e mostrou o sinal desdobrando a manta branca de onde saíram diversas rosas de Castilla e estampada na Tilma estava a imagem da virgem. Todos se ajoelharam e o arcebispo em lágrimas orou e lhe pediu perdão. Então pediu que Juan Diego levasse toda a comitiva do arcebispo ao local onde havia recolhido as flores e, assim que os levou lá, se despediu pois estava preocupado com seu tio enfermo e havia de lhe dar a notícia que estava curado. O arcebispo, muito curioso, juntou todos e foram junto com ele à sua casa.

Chegando em casa, viu seu tio pleno de saúde e feliz pois não sentia mais dor e seu tio relatou que a Virgem aparecera a ele, Juan Bernardino, e pediu que assim que o arcebispo o encontrasse lhe relatasse tudo que acontecera. Então o pedido da virgem foi atendido e em 1533 foi edificado o templo onde hoje se encontra uma Basílica Santuário dedicado a ela onde está exposto a Tilma (manta) de Juan Diego com a imagem estampada que se conserva até hoje intacta.

Figura 02. Juan Diego abre seu poncho e despeja as rosas na presença do bispo. A imagem de Nossa Senhora aparece então no manto do indígena.



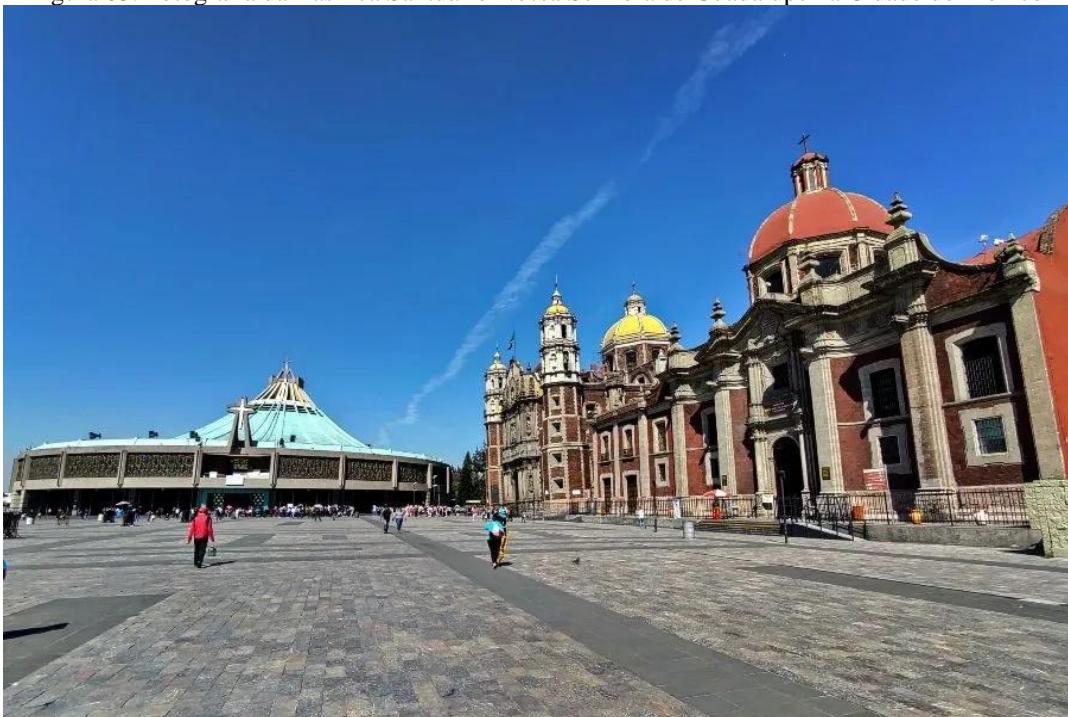
Fonte: Site “O mundo é seu” (<https://www.omundoeseu.com.br/>)

Atualmente a Basílica de Nossa Senhora de Guadalupe, na Cidade do México, recebe cerca de 20 milhões de devotos anualmente. O santuário é composto de várias igrejas e capelas, dentre elas as duas basílicas, uma do século XVI, e outra de 1974, cujo projeto é do arquiteto mexicano Pedro Ramírez Vásquez. Este é o segundo santuário mais visitado no mundo (Santos, 2020), perdendo somente para a Basílica de São Pedro no Vaticano.

No Brasil possui diversas Igrejas dedicadas à Santa, entre elas, pode-se destacar o Santuário de Nossa Senhora de Guadalupe em Curitiba/PR, presidida pelo Padre Reginaldo Manzotti o qual celebra suas missas e festejos acerca da devoção à Santa mexicana. Também destaca-se o Mosteiro da Ressurreição em Ponta Grossa/PR e Mosteiro da Transfiguração em Santa Rosa/RS, que tem como padroeira a Virgem de Guadalupe. Sendo assim, nota-se uma tradição que percorre toda a américa-

latina, começando no Tepeyac, na Cidade do México, chegando ao Brasil, com seus rituais, festejos, solenidades e demais tradições que configuraram a memória da Santa em todos os lugares por onde este culto pode ser prestado dentro da Igreja Católica Apostólica Romana.

Figura 03. Fotografia da Basílica Santuário Nossa Senhora de Guadalupe na Cidade do México



Fonte: Blog Andarilho (<https://blogandarilho.com.br/>)

5 A DEVOÇÃO À VIRGEM DE GUADALUPE

Para Niero (2012), dentro do contexto do catolicismo tradicional, surgiu o que conhecemos por catolicismo popular devocional, caracterizado pela intensa participação do leigo e da maioria da população, onde, também estão presentes as festas de santo, as bênçãos, as promessas, as rezas, as romarias e os ex-votos. A autora menciona que “a religião católica foi uma das formas poderosas de sustentação do desenvolvimento do sistema colonial. A devoção aos santos, no catolicismo popular devocional, se fundamenta sobre um conjunto de representações e práticas pelos devotos”.

Para Oliveira (1985) “uma coletividade presta o culto (individual ou coletivo) aos seus santos, estando revestido de uma obrigação moral” (p. 122), pois são resultados de “um trabalho de produção e reprodução de significações religiosas que não se faz num vazio, guiado apenas pelo imaginário popular, mas dentro das condições sociológicas determinadas e determinantes” (p. 123).

Portanto a devoção é uma dialética entre sujeito (devotos e atores de devoção) e o objeto de devoção (santo, imagem), pois o homem, como ser social e sujeito, faz, vive, cria e transforma. Desta forma, a devoção é feita e refeita, consumida e transformada. Sendo assim, a experiência humana do sagrado é “vivida pelos devotos como algo que os ajuda não apenas a situar-se em meio a

crises sociais e políticas, mas também a transcender os limites das soluções inseridas neste mundo”. O discurso dos devotos a respeito de sua devoção é de acordo com o contexto social, onde os atos e significados religiosos são parte integrante do todo que conhecemos como realidade (Steil, 2001. p. 546).

Gruzinski (1990, p. 141) relata que no México, início dos anos de 1530, os primeiros evangelizadores construíram uma ermida na colina de Tepeyac, no local pré-hispânico, que já era visitado pelos indígenas, que antes mesmo da conquista, ali ergueram um santuário consagrado a Mãe dos Deuses (Ebersol e Bussoletti 2019; Maia e Sanches, 2023), Toci (“Nossa Mãe”), uma tradição ancestral. Com o objetivo de cristianizar os povos nativos, os Franciscanos haviam instalado uma capela consagrada à Virgem, sem dar muita importância ao modesto santuário já existente (de Lima, 2017). É evidente que a superposição dos espaços de culto abria margem a todo tipo de aproximações mais ou menos fortuitas. Para o autor, essa substituição surge em meados de 1555. Para De Lima (2017), em 1556 “é possível verificar que o culto de Guadalupe já havia atingido proporções e importância suficientes para despertar as ácidas críticas aos seus devotos por parte de religiosos incrédulos” (p. 27).

A imagem de Nossa Senhora de Guadalupe foi declarada padroeira de toda a América pelo Papa Pio XII em 1945. Em 1979, o Papa João Paulo II consagrou toda a América Latina a Nossa Senhora de Guadalupe, em 1990 beatificou Juan Diego e em 2002 canonizou-o.

Brito (2021) relata que o contato interétnico (situações de contato/zonas de contato) e a consciência histórica dessas sociedades se expressam na criatividade simbólica (indígenas falam sobre seu próprio passado); na criatividade política (indígenas se reconhecem como agentes históricos); na dialética de transformação e reprodução e nos projetos de continuidade religiosa, social e cultural. Para o autor:

“A análise minuciosa do quadro de Guadalupe mostra o desejo de dar a conhecer os mínimos detalhes do mesmo, mas também o cuidado [...] de trazer sempre uma vasta gama de informações sobre o tema [...]. Muito rica a pesquisa iconográfica de imagens sagradas anteriores a Guadalupe visando estabelecer semelhanças e diferenças. Uma ideia a ser mais explorada: ‘a roupa tem sua memória própria e pode nos transportar a situações e sentimentos remotos’” (Brito, 2021, p. 190).

Analizando a memória da devoção à Virgem de Guadalupe, nota-se que há uma cultura que é híbrida e que se mistura às demais culturas e tradições em seus rituais assim como destaca Canclini (1998) em seus estudos sobre Culturas Híbridas em que descreve uma perspectiva pós-moderna de resgate de uma memória histórica dentro da américa-latina em suas pluralidades e religiosidades agregados a uma releitura iconográfica que encontram no sacro o terror das ditaduras modernas, impostas pela religião que teme a um Deus que se fez humano através de uma mulher chamada Maria que é venerada e se deixa revelar em cada aparição que faz ao redor do mundo.

Figura 04. Imagem da Santa exposta na Basílica de Guadalupe no México



Fonte: Blog Mairon pelo Mundo (<https://maironpelomundo.com>).

Santos (2020) relata a experiência da ciberdevoção vivido durante o período da Pandemia mundial, COVID-19, realizando um estudo das lives realizadas através das mídias sociais onde, na Basílica Santuário de Nossa Senhora de Guadalupe no México teve uma média de vinte e sete mil telespectadores online em suas transmissões no Facebook. Já Oliveira (2016, p. 209), afirma que das muitas Virgens veneradas no México, apenas a Virgem de Guadalupe possui um significado político global, que tem sido utilizada como símbolo de acomodação, libertação, controle, reinterpretada por diferentes blocos de poder na constituição de suas organizações e instituições.

6 REFLEXOS DA DEVOÇÃO À NOSSA SENHORA DE GUADALUPE NO BRASIL

Ainda que a devoção à Virgem de Guadalupe, no Brasil, seja relatado por De Aquino (2007) desde os primeiros séculos de colonização, é importante destacar algumas tradições da população brasileira neste entorno devocional.

Procópio (2018) relata a construção da Catedral Nossa Senhora de Guadalupe em Foz do Iguaçu/PR, que começou a ser construída em agosto de 2003. Um ano depois de colocadas as primeiras fundações do templo religioso, o bispo Laurindo sugeriu a construção de uma ermida no canteiro de obras a qual seria dedicada à Virgem de Guadalupe onde teve sua bênção em 1 de maio de 2005. O autor relata que:

“Neste espaço foi instalado um mural com a imagem da santa, cuja função era servir como ponto de devoção e encontro dos fiéis católicos. Esses dois eventos, realizados no dia em que se comemorava o dia do trabalhador, uma missa campal foi realizada visando chamar a atenção em relação ao acontecimento, além de unir a comunidade católica em torno do projeto da construção. É também desse período a decisão da diocese em dedicar a Catedral a Nossa Senhora de Guadalupe, decisão realizada após reunião em que dos vários nomes aventados, o da padroeira da América Latina se destacou” (Procópio, 2018, p. 71).

Mesmo após o autor ter escrito o artigo em 2018 a Catedral não tinha ficado pronta, sendo finalizada a obra apenas em maio de 2023, quase 20 anos depois e a diocese procura cravar todo dia 12 de cada mês como dia da devoção da santa.

Em Cipolini (2010) tem-se que a tradição de Nossa Senhora de Guadalupe significa a aliança de Maria com os pobres e oprimidos, ou seja, os indígenas e os negros escravos. Em Quevedo e Cerqueira (2023) se encontra uma Romaria na cidade de Pelotas/RS, que ocorre todo quarto domingo do mês de outubro em honra à Nossa Senhora de Guadalupe. Dantas (2022, p. 16), destaca o festejo da Santa em Sergipe, no município de Estância, como um dos que mais atrai devotos.

Outra manifestação religiosa em torno da imagem da Santa Virgem de Guadalupe é a da aldeia dos Potiguara, localizada na região do Acajutiboró, na Baía da Tradição, município do Estado da Paraíba (Camilo e Grünwald, 2009), que começa com a novena e termina com a solenidade presidida pelo Padre que também era indígena, no encerramento se despediu convidando a todos para assistir o toré que se realizaria no pátio ao lado da Igreja:

O toré foi dançado pelos índios que participavam da missa e também por outros que vinham chegando depois. O ambiente estava pouco iluminado; os índios dançavam em círculos, onde os homens se colocavam no meio, sendo arrodeados pelas mulheres e crianças. Percebemos, aqui, um toré com sentido mais religioso. Esta relação entre o catolicismo e o toré existe desde a presença da catequese nos aldeamentos; a igreja, que tentava reelaborar culturalmente os índios, através da catequização, “abriu portas para que os índios introduzissem dentro da igreja suas próprias práticas espirituais disfarçadas enquanto celebrações aos santos padroeiros” (Camilo e Grünwald, 2009, p. 5).

Figura 05: Celebração religiosa à Nossa Senhora de Guadalupe, padroeira dos Indígenas. Ao fundo, Indígenas Potiguara cantavam músicas do toré.



Fonte: Camilo e Grünwald, 2009, p. 5.

Os autores destacam que depois do toré é realizado uma pequena feira com barraquinhas onde os indígenas vendem comidas típicas, tais como tapioca e macaxeira, além de brincos, colares, cocares, maracás e às 12:30 eles marcham com a imagem da Virgem de Guadalupe, como se fosse uma procissão.

Holanda (2010), relata um festejo da padroeira na cidade de Fonte Boa/AM, onde se comemora nos dias 4 a 12 de dezembro sendo que neste último dia (12/12) a igreja Católica dedica solenidade à Virgem. Para a autora:

“As festas amazônicas, como tantas outras, religiosas ou não, são episódios onde as pessoas se reúnem e delas saem fortalecidas. Na festa, a sociedade comunga consigo mesma, atua como mecanismo catalizador das emoções, criatividade e participação apoiada na construção coletiva. Essas festas comunitárias ocupam um lugar privilegiado na cultura brasileira. Seu forte apelo aos sentidos atrai e envolve tanto a comunidade quanto os visitantes e admiradores. Nas festas, por todo o Brasil, o jogo de cores, os ritmos. As toadas, os bailados e as comidas se multiplicam e encantam os que dela participam, criando um envolvimento que, de certa forma, dilui barreiras e fronteiras entre sagrado e profano, rico e pobre, brancos e mulatos. Pode-se dizer que, a despeito da modernidade, as festas crescem, se multiplicam e ganham visibilidade” (Holanda, 2010, p. 164).

A devoção data de 1980 quando por conta de uma erosão devida a correnteza do rio Solimões que ameaçava a igreja, então fez com que a população local decidisse, junto ao clero, mudar a igreja para um lugar mais central e amplo, assim realizaram festejos no intuito de arrecadar fundos para a construção do novo templo religioso, que hoje se localiza na praça de mesmo nome (Nossa Senhora de Guadalupe), próximo a casas noturnas, bares, jogos, lojas, ambientes comuns como a própria autora relata, que funcionam normalmente durante todo o ano, mas que em Dezembro, devido às festividades da Santa: “são revestidos e congregados pela sacralização por parte do grupo religioso local” (Holanda, 2010, p. 163).

Inúmeros são os relatos de devoção à Virgem de Guadalupe no Brasil, inclusive na cidade de Porto Velho/RO, onde existem comunidades dedicadas à Santa mexicana.

7 ORIGEM DAS COMUNIDADES NOSSA SENHORA DE GUADALUPE EM PORTO VELHO/RO

Canclini (1998), em seu estudo sobre culturas híbridas, diz que:

“É raro que um ritual aluda de forma aberta aos conflitos entre etnias, classes e grupos. A história de todas as sociedades mostra os ritos como dispositivos para neutralizar a heterogeneidade, reproduzir autoritariamente a ordem e as diferenças sociais. O rito se distingue de outras práticas porque não é discutido, não pode ser mudado nem realizado pela metade. É realizado, e então ratificamos nossa participação em uma ordem, ou é transgredido e ficamos excluídos de fora da comunidade e da comunhão” (Canclini, 1998, p. 192)

Sendo assim, visto que o ritual é uma prática que envolve e acolhe todos sem fazer distinção e que não pode ser mudado conforme Canclini (1998), neste tópico desenvolveremos um resgate memorial e histórico das comunidades dedicadas à Santa Virgem de Guadalupe, bem como seus ritos preparativos e celebrativos para a solenidade e festejos dentro do contexto cristão porto-velhense.

Na cidade de Porto Velho/RO, há três comunidades dedicadas à Nossa Senhora de Guadalupe, a primeira a ser estudada é a comunidade, localizada na Rua Andréia, 5692, Bairro Aponiã. Em sua história relata-se que em junho de 1995 o líder comunitário do conjunto Rio Guajará, Sr. Francisco Vitalino, recebeu a notícia de que a Prefeitura estaria cedendo um terreno para a construção de um templo. Então foi solicitada uma primeira reunião no dia 05 de outubro entre a comunidade e os representantes do Clero (Padres Eduardo, Pedrinho), na qual ficou decidido que, com o intuito de arrecadar fundos para a construção da igreja, fizeram uma rifa de um ventilador que foi sorteado no dia 26 de outubro.

Uma madeireira fez uma doação de madeira e a Paróquia doou telhado e, depois de muita oração, surgiram vários homens para ajudar na construção da igreja. Assim, a fundação data de 17 de dezembro de 1995, quando houve a primeira missa, celebrada pelo Padre Geraldo. Ela é vinculada à Paróquia São Luiz Gonzaga dentro da arquidiocese da cidade, sob liderança da ordem dos Palotinos,

onde obteve-se as informações sobre a mesma. Dentre tantos nomes de santos para serem escolhidos pela comunidade ficaram na dúvida entre São Francisco de Assis ou Nossa Senhora de Guadalupe e, então, escolheram a Virgem pois no dia do primeiro casamento comunitário realizado pela comunidade, uma Irmã Marcelina chamada Carmen trouxe um cartaz da Virgem de Guadalupe. A resposta divina que as lideranças precisavam para decidir sobre o nome da padroeira da comunidade.

Figura 05. Antiga Igreja do conjunto Rio Guajará



Fonte: Acervo da Comunidade

A tradição é de que, no dia 12 de cada mês do ano corrente, reza-se um terço e depois uma celebração eucarística até o dia 12 de Dezembro onde é feita uma missa com a solenidade. A comunidade também tem uma capelinha peregrina com a imagem da santa que toda semana é acolhida por alguma família. Entre pastorais, movimentos e serviços, existem 11 grupos atuantes: Batismo, Catequese, Criança, Dízimo, Jovens, Legião de Maria, Liturgia (equipe de preparação das celebrações, equipe de música, coroinhas, acólitos), Ministros, RCC, Visitação, PPI (Pastoral da Pessoa Idosa). A comunidade

Figura 06. Comunidade Nsa. Sra. de Guadalupe vinculada à Paróquia São Luiz Gonzaga.



Fonte: Site da Paróquia São Luiz Gonzaga (<https://www.paroquiaslgpvh.org.br/>).

A Segunda comunidade a ser investigada está localizada na Rua América do Norte, 2411, Bairro Três Marias que começou seu processo de construção em Agosto de 1993 por jovens italianos da cidade de Spoleto que fica na província de Perúgia, na região da Úmbria, na Itália. A Igreja foi inaugurada em 05 de Dezembro de 1993 através de uma missa presidida pelos Padres Franco Albanesi e Rui Moreira Feitosa.

A Comunidade está vinculada à Paróquia Nossa Senhora do Amparo que deu todas as informações a respeito. E o processo de escolha da Santa como padroeira da comunidade se deu por sugestão do Padre Rui que foi acatado por todos os membros da comunidade. A Irmã Izabel da Congregação Sagrada Família de Nazaré, trouxe do México um quadro de Nossa Senhora, tanto o quadro como a primeira imagem ainda existem até hoje na Comunidade. O quadro inclusive, que era dentro da Igreja, com a reforma feita agora na vigência do Padre Geraldo Siqueira, ganhou um lugar de destaque onde todos ao entrar na Igreja já o vêm e fazem questão de tirar foto nesse local, que ficou ainda mais iluminado com um refletor de led doado pelo Edson Júnior, um dos leigos que pertence a nossa Comunidade.

O rito se dá da seguinte forma, no dia 05 de dezembro a igreja faz aniversário é feita uma celebração eucarística, logo em seguida antes do dia 12 de dezembro, é feito um tríduo de três dias de celebração para preparação da solenidade festiva da memória da Virgem. Este tríduo começa no dia 09 de dezembro (quando a igreja celebra a memória de São Juan Diego), depois 10 e 11 de dezembro

com celebrações eucarísticas, oração do terço e ofício divino. No dia 12 de dezembro é feita a missa de solenidade da Santa.

Figura 07. Comunidade Nsa. Sra. de Guadalupe vinculada à Paróquia Nsa. Sra. do Amparo.



Fonte: Site da Paróquia Nsa. Sra. do Amparo (<https://paroquiaamparopvh.org.br/>).

A terceira Comunidade a ser investigada é a Comunidade Nossa Senhora de Guadalupe, localizada na Rua Pe. Moretti, 3031, Bairro Liberdade. Esta comunidade está vinculada à Paróquia São João Bosco ao qual foram prestadas todas as informações necessárias.

A igreja foi um pedido do Presbítero Zenildo Lima da Silva de Manaus/AM. À época, a Igreja São João Bosco era coordenada pela Ordem Salesiana, que tinha à frente o Padre Thiago. O Presbítero de Manaus, ordenou que Padre Tiago procurasse um bairro que fizesse parte da paróquia e que pudesse abrir uma comunidade pertencente à Paróquia São João Bosco. O Presbítero de Manaus compraria o terreno e a paróquia construiria a Igreja, e assim seria constituída a nova comunidade católica. Foi encontrado o terreno no início de 1997, na rua Padre Moretti. Assim, Padre Thiago fez as negociações e foi comprado o terreno a um valor de mais ou menos 9.000,00 cruzeiros, moeda da época, pago pelo prebispado de Manaus com pagamento à vista.

A pedra fundamental foi lançada pelo Diretor Salesiano Victor Sadeque, padre Tiago com a participação do casal Pedro e Nelcinda Borges, o engenheiro Ramires e sua esposa e mais algumas pessoas do bairro. A cerimônia aconteceu no terreno de terra aplainada, foi abençoado pelo padre Victor Sadeque. Quando acontecia a cerimônia, um benfeitor anônimo mexicano doou 12 mil dólares,

recebido pelo Padre Tiago. Naquele momento de dificuldade, pois faltava recurso para a construção da Igreja, foi como um milagre.

Figura 08. Antiga Igreja ainda em construção



Fonte: Acervo da Comunidade

O padre solicitou à Sra. Nelcinda Bordes para escolher um nome para a nova Igreja e Comunidade, que pensou em escolher Nossa Senhora de Fátima, mas, por solicitação do doador mexicano, foi escolhido o nome de Comunidade de Nossa Senhora de Guadalupe. A Construção foi iniciada no início de 1998, e em outubro do mesmo ano, o padre Tiago queria fazer a inauguração em dezembro, e solicitou à Sra. Nelcinda que levasse os convites de casa em casa, para a realização de uma novena à Nossa Senhora de Guadalupe novena que se iniciou-se em 3 de dezembro de 1998 e no dia 12 de dezembro de 1998, foi celebrada a primeira Santa Missa na nova Igreja, mesmo ainda inacabada, com a falta de piso e janelas; que para a aquisição do material, foi realizada uma festa, onde se arrecadou fundos para a finalização do acabamento, e mais uma vez, uma senhora após a festa doou o dinheiro para a construção dos bancos da Igreja.

Como tradição, a Comunidade costuma fazer a novena iniciada no dia 03 de Dezembro de cada ano, em honra à Santa e depois, no dia 12 de Dezembro, tem-se a procissão seguido da missa e o festejo. Atualmente a Comunidade está em reforma e abaixo segue a imagem do projeto de como deverá ser a nova igreja:

Figura 07. Projeto da igreja de Nsa. Sra. de Guadalupe vinculada à Paróquia São João Bosco



Fonte: Instagram da Comunidade (<https://www.instagram.com/sjbguadalupe/>)

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Canclini (1998, p. 326) diz que “a hibridez tem um longo trajeto nas culturas latino-americanas. Recordamos antes as formas sincréticas criadas pelas matrizes espanholas e portuguesas com a figuração indígena”, analisando o contexto da devocão à Virgem de Guadalupe pode-se perceber que a sua figura latina traz consigo uma cultura híbrida que se mistura às demais culturas espalhadas pela América-Latina. No Brasil não é diferente, essa cultura que se mistura à cultura mexicana que caracteriza a identidade da devocão aqui no país.

Em Porto Velho/RO, esta cultura híbrida se conectou à sociedade e hoje temos uma devocão muito forte espalhadas em três bairros distintos da cidade (Aponiã, Liberdade e Três Marias), mas que se unem num propósito de celebrar e festejar a memória da Virgem que apareceu ao indígena São Juan Diego e que através de novenas, procissões, missas e quermesses se incorporaram às tradições latino-americanas sempre no dia 12 de dezembro.

Assim, nota-se que estes ritos oriundos das devocões à Nossa Senhora de Guadalupe também compõe um pouco da identidade da cultura urbana da cidade já que é uma tradição que surge nos anos 1990 e vem se ressignificando a cada ano que passa. Somente quem vive essa experiência pode sentir o quanto forte e importante é essa tradição que veio cruzando a América-Latina desde Tepeyac no México e chega na capital do Estado de Rondônia agregando à cultura da sociedade local uma identidade mestiça que se misturou numa cidade em que várias culturas se misturam e que se marca pela diversidade presente nestas expressões culturais.

REFERÊNCIAS

BENÍTEZ, Juan José. O mistério da Virgem de Guadalupe: descobertas sensacionais nos olhos da Virgem Mexicana. Tradução de Clene Salles. São Paulo: Planeta, 1982.

BRITO, Énio José da Costa. No Manto de Nossa Senhora de Guadalupe. Espaços: São Paulo, 2021.

CAMILO, Anaíra Souto; GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo. Revitalização Cultural Potiguara: etnicidade e turismo. VI Congresso de Iniciação Científica da Universidade Federal de Campina Grande. 2009. Disponível em: <<http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/riufcg/31544/REVITALIZA%c3%87%c3%83O%20CULTURAL%20POTIGUARA%20-%20ANAIS%20CIC-UFCG%202009.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em 10 nov. 2024.

CANAL FILMES & FILMES. Filme - Nossa_Senhora_de_Guadalupe - Aparição ao índio Juan Diego - Dublado. YouTube: 2024. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=i9RgohaweVM>>. Acesso em 14 nov. 2024.

CANCLINI, Nestor García. Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 1998.

CIPOLINI, Pedro Carlos. A devoção Mariana no Brasil. Teocomunicação: Porto Alegre, 2010. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/teo/article/view/7774>>. Acesso em 09 nov. 2024.

DANTAS, Beatriz Góes. Cultura festiva em Sergipe. In: SANTOS, Eufrásia Cristina Menezes. Múltiplos olhares sobre o São João de Sergipe. 2022. Disponível em: <<https://infonet.com.br/wp-content/uploads/2022/06/Mu%CC%81tiplos-Olhares-sobre-o-Sa%CC%83o-Joa%CC%83o-de-Sergipe.pdf#page=13>>. Acesso em 10 nov. 2024.

DE AQUINO, Maurício. A Vós suspiramos neste trem da vida: catolicismo, criação religiosa e identidade na devoção à Nossa Senhora Aparecida do Vagão Queimado em Ourinhos-SP (1954-2006). Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual Paulista - UNESP. 2007. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/514ba306-85c0-4830-96f4-f67b7fdee1ec/content>>. Acesso em 10 nov. 2024.

DE LIMA, Ranay Nóbrega Teixeira. A construção de um culto mariano: o caso de Nossa Senhora de Guadalupe do Tepeyac. Monografia (Curso de História) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. 2017. Disponível em: <https://d1wqxts1xzle7.cloudfront.net/59030563/A_construcao_de_um_culto_mariano_RANAY_NOBREGA_2017_120190425-69056-j8bdf9-libre.pdf?1556224285=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DUNIVERSIDADE_FEDERAL_RURAL_DO_RIO_DE_JAN.pdf&Expires=1731243151&Signature=GfOgAviVr8WjxFdaFqvfnmJnFI0JwZai4iM46QfSe9AW6x2sf6oG9csboGQUxqryd8ObZiD9CIQTqEKQqS6FlQCpeOHmlqWVVK8QaEX-07m5mln9zNH0CLDqsRy5THzWhb5UgF~L8AoE8zQeW9pqjW2LISvh2T7JDS4snu7LtExou6QdcspYcSMBKEw2TFkmsR4kCbc72tCHGMifThRkd6iiYqTlB4WS01xgh~JKUy~RA9d5bESHLyLBpbvIbVaeh55-X85yD-7DG-qhGpF6ZcYgndOOObpf0ZsAURDraFjzLOQ3mW8zbdfxYJ62CYYVhDOYpGNconqSclutuJw__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA>. Acesso em 10 nov. 2024.

EBERSOL, Isadora; BUSSOLETTI, Denise. Guadalupe: Por entre a imagem criadora e o devaneio poético. In: DA SILVA, Márcia Alves; DA ROSA, Graziela Rinaldi. Pedagogias Populares e Epistemologias Femininas Latino-Americanas. Editora Brazil Publishing: Curitiba, 2019.

GRUZINSKI, Serge. *La guerre des images: de Christophe Colomb à “Blade Runner” (1492-2019)*. Paris: Librairie Arthème Fayard. 1990.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Vértice: São Paulo, 1990.

HOLANDA, Yomarley Lopes. A indução de novas paisagens culturais ribeirinhas através do festejo de Nossa Senhora de Guadalupe, Fonte Boa (AM). *Somanlu: Revista de Estudos Amazônicos*, Manaus, v. 10, n. 1, p. 161–170, 2013. DOI: 10.29327/233099.10.1-9. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/somanlu/article/view/480>. Acesso em: 9 nov. 2024.

MAIA, José; SANCHES, Mário Antônio. A devoção Mariana em Timor-leste: um diálogo da fé em busca de identidade. *Teocomunicação*: Porto Alegre, v. 53, n. 1, p. 1-9, 2023. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/teo/article/view/44642/28319>>. Acesso em 10 nov. 2024.

MARTIN-BARBERO, Jesus; REY, Germán. *Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva*. São Paulo: SENAC. 2001.

MOTTA, Márcia Maria Menéndez. *História e memória*. Cadernos do CEOM: Chapecó, 2014. Disponível em: <<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2196>>. Acesso em 16 nov. 2024.

NIERO, Lidiane. A construção sócio-histórica de devoção a Nossa Senhora de Guadalupe. *Sacrilegios*: Juiz de Fora, v. 9, n. 1, p. 97-112. 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/sacrilegios/article/view/26660>>. Acesso em 09 nov. 2024.

OLIVEIRA, Augusto Marcos Fagundes. “E não reivindicação de qualquer grupo humano ou racial”- de corpos proibidos no corpo místico de Cristo. *Revista Nanduty*, [S. l.], v. 4, n. 5, p. 196 a 225, 2016. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/nanduty/article/view/5762>. Acesso em: 10 nov. 2024.

OLIVEIRA, Pedro A. R. de. *Religião e dominação de classe: Gênese, estrutura e função do catolicismo organizado no Brasil*. Petrópolis: vozes, 1985.

PROCÓPIO, Carlos Eduardo Pinto. *O Catolicismo e sua Publicidade: reflexões a partir da construção da Catedral de Nossa Senhora de Guadalupe (Foz do Iguaçu/Brasil)*. Ciências Sociales y Religión: Campinas, 2018. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/journal/7179/717975894004/717975894004.pdf>>. Acesso em 09 nov. 2024.

QUEVEDO, Neide Alessandra Vaz Ritter; CERQUEIRA, Fábio Vergara. Estudo da Memória dos Fiéis a Partir de uma Devoção Religiosa Tipicamente Mexicana na Romaria de Nossa Senhora de Guadalupe em Pelotas/RS. *XXV ENPÓS - Encontro de Pós-Graduação*. UFPEL. 2023. Disponível em: <<https://guaiaca.ufpel.edu.br/bitstream/handle/13976/ESTUDO%20DA%20MEM%C3%93RI%20DOS%20FI%C3%89IS%20A%20PARTIR%20DE%20UMA%20DEVO%C3%87%C3%83O%20RELIGIOSA%20TIPICAMENTE%20MEXICANA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em 09 nov. 2024.

SANTOS, M. F. D. J. *Romarias in lives: Ciberdevoções e santuários virtuais em tempo de pandemia*. Horizonte, 18(57), 1305-1333, 2020. doi:<https://doi.org/10.5752/P.2175-5841.2020v18n57p1305>

STEIL, Carlos Alberto. *Catolicismo e cultura*. In: VALLA, V.V. Org. *Religião e cultura popular*. Rio de Janeiro: DP & A, 2001.